

Os brancos que fazem a diferença

The whites that make a difference

P  
Fugas

## Vinhos

### Os brancos que fazem a diferença

The Wite Experience juntou aos Alvarinho de Monção e Melgaço os melhores brancos das outras regiões do país e da Europa, mostrando que por entre diferentes abordagens o território também marca a diferença. Provaram-se vinhos extraordinários e ficou a promessa de que para o ano há mais. *José Augusto Moreira*



Esta foi a primeira cimeira de brancos realizada em Portugal. Para o ano repete-se em Melgaço

● Ficará seguramente para a história o encontro de há duas semanas, que juntou vinhos de Monção e Melgaço com outros produtores da região dos Vinhos Verdes e ainda alguns dos melhores brancos do país e também das mais reputadas regiões da Europa.

Uma cimeira de brancos até agora inédita em Portugal, mas que ficará na história por simbolizar também o definitivo enterro da guerra pela denominação do Alvarinho – tão sem sentido que quase já nem lembra –, e ainda porque se saldou por um vibrante e promissor encontro de apreciadores, em contraste com o ânimo bebedor que tem caracterizado as feiras de vinhos da região.

Esta primeira edição teve lugar em Monção, mas para o ano está prometida nova cimeira, e o município de Melgaço já disse que quer ser o anfitrião.

E se há uma clara consciência de que uma iniciativa exclusivamente centrada em grandes vinhos brancos era coisa mais ou menos inimaginável uma década atrás, convém também lembrar que mesmo em Monção e Melgaço – hoje apelidada como origem do Alvarinho –, e na

região dos Vinhos Verdes em geral, a produção de brancos era residual e insignificante não há muito tempo.

A atestá-lo, uma garrafa, também ela histórica, da colheita de 1992 da Provam, em cujo título se destaca a indicação: “Alvarinho Branco”. Ou seja, o vinho era tinto e a excepção teria que ser bem assinalada, apesar da evidência da cor e da casta.

Demonstra isto que não é assim tão antiga a história dos Alvarinho do Alto Minho, apesar do seu claro sucesso e qualidade evidente. E foi precisamente para pôr em evidência essa diferença de história e características que a Comissão dos Vinhos Verdes quis juntar na região um lote alargado de grandes brancos. Não para mostrar quais os melhores – que isso é sempre subjectivo – mas para pôr em evidência aquilo que os distingue e caracteriza.

Desde logo a sua longevidade, característica comum à generalidade dos Alvarinhos da região, que é uma das grandes mais-valias dos *terroirs* mais valorizados da Europa e por cá ainda pouco reconhecida. Vinhos de extraordinária frescura e complexidade, como os que foram dados a

provar nas adegas da Provam e da Cooperativa de Monção, com colheitas que recuam até há 25 anos.